



BISPO, Alexandra dos Santos. In: **Revista Épicas**. A resistência ao autoritarismo na épica de Leda Miranda Hühne. Ano 4, N. 8, Dez 2020, p. 289-299. ISSN 2527-080-X. DOI Épicas 8 - 10.47044/2527-080X.2020v8

A RESISTÊNCIA AO AUTORITARISMO NA ÉPICA DE LEDA MIRANDA HÜHNE

RESISTANCE TO AUTHORITARIANISM IN THE POETRY OF LEDA MIRANDA HÜHNE

Alexandra dos Santos Bispo¹
Universidade Federal de Sergipe (UFS)

RESUMO: O presente trabalho tem como objetivo mostrar a resistência ao autoritarismo como uma temática presente na poesia de Leda Miranda Hühne, especificamente em *Fim de Um Juízo* (1986), bem como evidenciar alguns aspectos épicos presente na referida obra. Os questionamentos propostos pela abordagem partem da obra *Poemas épicos: estratégias de leitura*, de Ramalho (2013), das reflexões teóricas de Flávio Kothe (1986) e Hansen (2006) sobre a alegoria, para dessa forma mostrar que a referida autora utilizou esse recurso em seus poemas longos para problematizar questões históricas ligadas ao contexto político e econômico da ditadura militar no Brasil, bem como para propor reflexões acerca do jogo de poder existente na sociedade. O estudo do referido poema pretende constituir uma fonte de reflexão sobre como, através do recurso estético da alegoria, sua poesia driblou, nos anos 80 a realidade de um Brasil ainda marcado pela sombra da censura.

Palavras-chave: Poesia. Leda Miranda Hühne. Autoritarismo. Alegoria.

ABSTRACT: The present work aims to show the resistance to authoritarianism as a theme present in the poetry of Leda Miranda Hühne, specifically in *Fim de Um Juízo* (1986), as well as to highlight some epic aspects present in that work. The questions proposed by the approach start from the work *Epic poems: reading strategies*, by Ramalho (2013), the theoretical reflections of Flávio Kothe (1986) and Hansen (2006) on the allegory, in order to show that the author used this resource in his long poems to problematize historical issues related to the political and economic context of the military dictatorship in Brazil, as well as to propose reflections on the existing power game in society. The study of this poem

¹ Graduada em Letras/Português pela Universidade Federal de Sergipe (DLI/UFS), 2016. Especialista em Alfabetização e Letramento (FAC), 2018. Pós-graduanda (stricto sensu - mestrado) em Estudos Literários (2019 - 2021) pela Universidade Federal de Sergipe (UFS) sob orientação da Prof^ª Christina Bielinski Ramalho (DLI/UFS). E-mail: <alexandra.letas@gmail.com >.

intends to constitute a source of reflection on how, through the aesthetic appeal of allegory, his poetry dribbled, in the 1980s, the reality of a Brazil still marked by the shadow of censorship.

Keywords: Poetry. Leda Miranda Hühne. Authoritarianism. Allegory.

Introdução

Esta pesquisa pretende mostrar que a resistência ao autoritarismo é uma temática bastante presente nos poemas longos de Leda Miranda Hühne, especificamente em *Fim de Um Juízo* (1986), bem como evidenciar que a referida obra é um poema longo que podemos considerar como épico-lírico. A referida autora utilizou a alegoria em seus poemas longos de feição épica, para problematizar questões históricas ligadas ao contexto político e econômico da ditadura militar no Brasil, bem como para propor reflexões acerca do jogo de poder existente na sociedade.

Assim, para destacar e valorizar a contribuição da autora para a Literatura Brasileira, é importante ressaltar aspectos biobibliográficos e integrar ao estudo proposto algumas informações sobre o conjunto de sua obra. Leda Miranda Hühne nasceu em Natal, Rio Grande do Norte, em 1934, mas cresceu no Rio de Janeiro, cidade onde reside até hoje. Estudou filosofia na Universidade Santa Úrsula (USU), instituição de ensino superior no Rio de Janeiro, onde descobriu no Curso de Estética, com o poeta Tasso da Silveira, a vocação para a Poesia. Aos vinte e três anos formou-se em Filosofia na USU e passou a lecionar na referida instituição, onde também exerceu cargos administrativos.

Professora mestra em filosofia pela UFRJ, com a tese *O Sentido Hermenêutico da Poesia*, e doutora em Letras pela PUC do Rio de Janeiro, com a tese de doutorado *A Estética Aberta de Mário de Andrade*, organizadora de livros didáticos de filosofia, autora de diversas obras críticas e literárias, reúne cerca de 90 publicações, entre poemas, romances, poemas longos de feição épica, contos e estudos literários. Também fundou a editora UAPÊ – Espaço Cultural Barra, editou livros de filosofia, ciências humanas e artes e foi responsável pelo projeto Poesia Viva – jornal, revista e saraus, bem como recebeu vários prêmios da UBE – União Brasileira de Escritores (a mais antiga associação de escritores do Brasil).

Sua produção poética reúne *Cartão de Natal; Em memória de um poeta anônimo; Ludus; A sombra; Mea-culpa; A cor da terra; As cantilenas do Rei-Rainha; Fim de um Juízo; Porta-Bandeira; O Jardim Silencioso; Brasilaçu; Mentirosa; Fantasmasia; Coleção*

Anos Oitenta (10 livros); *Poesia Incompleta*; e *A Sombra*. Dentre essas obras, traços épicos são visíveis em, ao menos, seis *A cor da terra*; *Cantilenas do Rei-Rainha*; *Fim de um Juízo*; *Porta-Bandeira*; *O Jardim Silencioso* e *Brasilaçu*. E, de modo geral, podemos dizer que a representação alegórica foi uma das formas usada por Hühne em sua produção épico-lírica para expressar suas ideias, contornando as injunções próprias de uma época em que a censura à literatura era fato real.

A alegoria é uma figura de linguagem composta de um conjunto de referentes que, para ser compreendida, depende de um repertório por parte do leitor, devido a ter um sentido oculto por trás de suas representações. Muitos críticos literários e filósofos fizeram deste tema um objeto de pesquisa, realizando diversas reflexões, entre eles, temos Flávio R. Kothe, João Adolfo Hansen, Walter Benjamin, Martin Heidegger.

Kothe, por exemplo, afirmou que enquanto parte da realidade, “A alegoria é um índice da história que poderia ter sido, mas não foi. Ela é manifestação e denúncia implícita do reprimido” (1986, p.67). Kothe esclarece também que a alegoria é uma linguagem da repressão, sendo assim, podemos supor que alguns poetas usam esse recurso como uma forma de denúncia do autoritarismo, de pessoas subordinadas que lutam contra uma classe dominante. Para comprovar tais questionamentos, será feita uma pequena análise do poema *Fim de Um Juízo*, de 1986.

Desenvolvimento

Considerando que poesia contemporânea é, sobretudo, aquela feita após a terceira fase do modernismo (1945) até os dias de hoje, podemos afirmar que Hühne é uma poeta contemporânea. A produção poética de Leda tem acompanhado os movimentos literários desde 1956, e a partir de 1976 ela inicia sua publicação com *Cartão de Natal*, juntamente ao trabalho fotográfico de seu marido Hans Hühne, ou seja, um livro de poesia de Leda e fotos de Hans abordando diversos temas como o amor, a paz, a denúncia e a violência social.

Em sua poesia, em especial, Leda Hühne apresenta o engajamento em questões sociais, culturais e políticas, o revisionismo e o engajamento histórico, tudo sustentado por uma estrutura alegórica que referencia, subliminarmente, o cenário histórico-político brasileiro, principalmente na época da ditadura. Segundo Giorgio Agamben (2009, p.62) o poeta contemporâneo “mantém fixo o olhar no seu tempo, para nele

perceber não as luzes, mas o escuro. Todos os tempos são, para quem deles experimenta contemporaneidade, obscuros”. Quer dizer o contemporâneo consegue olhar para seu próprio tempo e enxergar às frestas, ele consegue olhar para as luzes que lhe cercam e percebe que entre essas luzes há um espaço de escuridão e é neste espaço que o sujeito contemporâneo vai fixar seu olhar numa perspectiva crítica.

O filósofo italiano, Agamben, diz-nos “(...) E por isso ser contemporâneo é, antes de tudo, uma questão de coragem: porque significa ser capaz não apenas de manter fixo o olhar no escuro da época, mas também de perceber nesse escuro uma luz que dirigida para nós, distancia-se infinitamente de nós.” Ou seja, o referido autor chama-nos atenção para a difícil compreensão do que está oculto no contexto em que nós, indivíduos, estamos inseridos.

E Hühne faz isso, ela olha para seu tempo e produz poemas longos que buscam despertar no leitor uma consciência crítica, principalmente acerca das estruturas autoritárias de poder. Na obra *Fim de Um Juízo*, publicada em 1986, logo após o fim da ditadura (1964-1985), Hühne retrata a ditadura militar para que possamos refletir as arbitrariedades do poder, quer dizer, ela problematiza questões históricas ligadas ao contexto político e econômico da ditadura militar no Brasil.

No que tange à sua faceta épica, com base na teoria de Christina Ramalho e Anazildo Vasconcelos da Silva, a obra em estudo apresenta uma divisão, não nomeada em cantos, mas em partes. Com três divisões internas: “ALHEAMENTO”, “CONTRA-ORDEM” e “DESFORRA”, *Fim de Um Juízo*, apresenta um total de 2.209 versos, desenvolvidos em variados padrões métricos e estróficos. Todas essas subdivisões têm pontos em comum: há o uso do espaço em branco, caixa alta, versos livres, ou seja, não seguem um padrão de métrica definida. Esta especialidade é uma característica importante da literatura moderna e contemporânea, visto que a intenção dos escritores dessa época era justamente criar algo novo para romper com os padrões clássicos de metrificação.

Vale ressaltar, rapidamente, que o livro *Poemas épicos: estratégias de leitura*, de Ramalho (2013) apresenta categorias que ajudam na identificação dos textos épicos, a autora aprofunda a maneira de abordar a poesia épica “(...) criando uma metodologia que parte do estudo das categorias épicas tradicionais (proposição, invocação e divisão

em cantos) e das categorias levantadas por Silva, em sua teoria épica: plano histórico e plano maravilhoso.”.

Em *Fim de Um Juízo* há a presença da dupla instância de enunciação, pois temos um eu-lírico/narrador em primeira pessoa do singular, a própria Leda Miranda Hühne, que de forma lírica reflete, na ótica de quem esteve protegida em casa, sobre as injunções e arbitrariedades do poder. Vejamos alguns trechos que comprovam tal afirmação:

QUANDO EU PEDIA

“BÁ-BABÁ
ME CONTA
MAIS UMA VEZ
UMA ESTÓRIA

ELA ME ACALENTAVA

LEDA-LEDINHA
DEIXA
A BOIADA
PASSAR
(1986, p.18)

Leda Miranda Hühne, em *Fim de Um Juízo*, faz uma associação de acontecimentos históricos com o texto literário por ela desenvolvido. Assim, podemos afirmar que a referida obra apresenta um plano histórico não explicitamente referenciado, devido ao leitor ter que buscar informações em outras fontes. Já o plano maravilhoso é constituído pela vivência metafórica dessa realidade histórica, a poetisa, por meio do eu-lírico/narrador, estabelece um contato com a dimensão simbólica da experiência humano-existencial.

Os referentes históricos são datados dos anos de 1922, 1934, 1955 e 1968, o eu-lírico/narrador volta no tempo, vivenciando acontecimentos de injustiças e de carnificinas. Vejamos:

A HISTÓRIA DO BRASIL SE REFAZIA
EM 1922
E EU NEM NASCIA
E SE ABRIU
EM 1934.....

.....
ENREDOU-SE EM CAMINHOS
QUE NÃO VI...NÃO PERCEBI...1955
...ENVOLVIDA ESTAVA DENTRO
DAS NUUVENS BRANCAS...CÚMULOS
(1986, p. 20)

EM 1968 SE INSTALAVA A CAÇADA
CHOVIA SANGUE EU NÃO ME MOLHAVA
GUARDADA DENTRO DE UMA ÁRVORE
OUVIA CANTOS DISTANTES VIVOS
TÃO PONTEAGUDOS...ME CORTEI
E ACORDEI BEM DEVAGAR PARA
O ENCONTRO.....CONFRONTO
(1986, p.21)

Hühne problematiza questões históricas ligadas ao contexto político e econômico da ditadura militar no Brasil. Assim, podemos afirmar que a matéria épica (definida como temática) da obra é justamente retratar a ditadura militar para refletir as arbitrariedades do poder na sociedade. São poemas que possuem uma dimensão mais social e expressivo conteúdo político. Trata-se de uma poesia mais do pensar do que do sentir.

Em uma entrevista concedida a Christina Bielinski Ramalho, Hühne comenta que em *Fim de Um Juízo* há uma série de poemas de fundo crítico, em que o clima da ditadura militar é sentido e vivido por uma mulher que fica estagnada no seu mundo doméstico em que, calada, sofre por perder amigos que foram exilados, torturados e escondidos. Vale ressaltar que nessa obra, a referida autora coloca na contracapa do livro alguns nomes de pessoas que foram perseguidas, presas e torturadas até a morte durante a ditadura militar. Lutaram contra o poder dos militares e tentaram romper a censura levando seus protestos por meio da rádio e da televisão. São elas: Marilena Villas Boas; Sônia e Stuart Angel; Rubem Paiva; Manuel Paiva; Santo Dias e Wladimir Herzog.

Assim, por meio da alegoria e da fragmentação, Leda Miranda Hühne expressa suas ideias, sendo aquele um recurso que contém sentidos que vão além do que está no papel, necessitando de uma interpretação do que está nas “entrelinhas”.

Nesse sentido, Kothe afirma que “A alegoria costuma ser entendida como uma representação concreta de uma ideia abstrata” (1986, p. 6), ou seja, um texto que pode ser constituído de fragmentos significativos, gerando uma nova construção de sentido,

em que se diz uma coisa com o intuito de significar outra. Para Hansen, por sua vez, “ela é um procedimento construtivo” (2006, p.7). Ele explica:

A alegoria é a metáfora continuada como tropo de pensamento, e consiste na substituição do pensamento em causa por outro pensamento, que está ligado, numa relação de semelhança, a esse mesmo pensamento (Idem, ibidem).

Hansen (2006, p.8) ainda alega que não se pode falar simplesmente de “a alegoria”, pois, segundo ele, existem duas, as quais são complementares: uma alegoria chamada de “alegoria dos poetas” e a outra “alegoria dos teólogos”, sendo esta uma alegoria interpretativa ou hermenêutica e aquela como alegoria construtiva ou retórica. O autor também diz que existe certa tensão e até mesmo uma confusão entre essas duas alegorias.

A primeira (alegoria dos poetas) Hansen define como “expressão, a alegoria dos poetas é uma maneira de falar e escrever”, e a segunda, alegoria dos teólogos, “como interpretação, a alegoria dos teólogos é um modo de entender e decifrar”, porém “de interpretação religiosa de coisas, homens e eventos figurados em textos sagrados”. Hansen ainda afirma: “O verbo grego *állegorein*, por exemplo, tanto significa ‘falar alegoricamente’ quanto ‘interpretar alegoricamente’” (2006, p.8), por isso o autor diz que não se deve falar somente de alegoria, devido ao fato de existirem duas vertentes desse conceito.

De acordo com Kothe (1986, p.27), a retórica tradicional já insinuava a alegoria como um começo de interpretação, sendo que, devido aos contextos, pode acontecer várias reinterpretações. Também, segundo ele, quando se realiza uma leitura alegórica da própria alegoria, chega-se a outros significados: os que pareciam velhos acabam tornando-se novo (1986, p.23). Por meio da alegoria e da fragmentação, Leda Miranda Hühne problematiza questões históricas ligadas ao contexto político e econômico da ditadura militar no Brasil.

Em *Fim de Um Juízo* existem analogias intencionais criadas pela referida autora que nos faz pensar num segundo sentido. Vejamos as estrofes abaixo:

SAIU UMA VERSÃO NAS MANCHETES
DAMA DAS ALTURAS MADAME NO TÚNEL

DESGOVERNOU O AUTO DE CORRIDA
NA ESTRANHA E VINGADORA MADRU-
GADA E ARRANCADA FOI NOS FERROS
DO ABATEDOR RECOLHEDOR COCHE

SÓ QUE A NOTÍCIA SURTIU ÀS AVESSAS
NO SOPRO DO POVO POVINHO A SUSURRAR
A SENHORA DONA-MÃE DE UM REVOLTOSO

MORREU PORQUE VIVIA A COSTURAR FATOS
CONTACTOS COM PARAGENS DE FORA
DECLARANO COROAS DE TORTURAS E PRO
CLAMANDO CÂMARAS DE LOUCURAS E ZUM
O REI GAVIÃO NÃO DIGERIU E REVIDOU
(1986, p.146)

Nas estrofes citadas acima, Leda Miranda Hühne, por meio da alegoria, problematiza a morte de Zuleika Angel Jones, mais conhecida como Zuzu Angel, uma das mais importantes estilistas da história da moda no país. Mãe de Stuart Jones (assassinado pela ditadura militar), passou alguns anos denunciando as arbitrariedades de poder do regime militar até morrer num acidente de carro. Segundo Dilva Frazão (2019) em o portal *eBiografia*, Zuzu teve três filhos: Stuart, Hildegard e Ana Cristina com Norman Angel, estadunidense, porém o casal separou-se em 1960. A sua carreira como estilista começou no final dos anos 1950, levando-a ao mercado internacional nos anos 1970. Seu filho, Stuart, militante do MR-8 (Movimento Revolucionário 8 de outubro) foi preso e torturado até a morte.

Assim, a partir desse momento Zuzu passou a buscar notícias sobre seu filho, transformando sua vida em uma busca incansável para saber o paradeiro do corpo do seu filho. Ainda, conforme o portal Memórias da ditadura, no ano de 1971 Zuzu Angel organizou um desfile, considerado como um protesto no consulado brasileiro em Nova York, em que as roupas do desfile incluíam elementos que denunciavam a situação vivida naquele momento. A estilista denunciava à imprensa e aos órgãos internacionais as arbitrariedades de poder cometidas no período da ditadura militar.

Dessa forma, a primeira estrofe do poema citado acima, de Leda Hühne, remete-nos para o acontecimento da madrugada de 14 de abril de 1976, ou seja, faz-nos lembrar do acidente que Zuzu sofreu, o qual ocasionou a morte da estilista. Ela dirigia seu carro na estrada da gávea, quando na saída do túnel Dois Irmãos, em São Conrado (RJ), sofre esse acidente. E as duas últimas estrofes chamam a atenção para a história que surgiu

após sua morte, de que o acidente foi causado porque o carro derrapou e saiu da pista, embora, ainda segundo Frazão (2019), em o portal *eBiografia*, em 1998 a comissão especial sobre mortos e desaparecidos políticos julgou o caso e reconheceu como sendo o regime militar responsável pela sua morte. Segundo depoimentos, a estilista teria sido jogada para fora da pista por um carro pilotado por agentes da repressão. O túnel recebeu o nome da estilista.

Hühne também apresenta um diálogo com a tradição concretista, a obra em questão, *Fim de Um Juízo*, está cheia de características do Concretismo. Vejamos:

CLAN

DES TINOS
 TINOS
 TINOS

CLAN

DES TINOS
(1986, p. 53)

Segundo Campedelli e Souza (2000), foi em 1956 que foi lançado oficialmente o movimento da Poesia Concreta, o qual ganhou adesões e apoios, comentários espantados e repúdios em face da desintegração total do verso tradicional e da nova forma de adaptação da palavra ao espaço visual. A partir desse momento o espaço visual do papel passa a integrar o significado do poema, os concretistas fragmentam totalmente o verso, a unidade deixa de ser o verso e passa a ser a palavra manifestada em três dimensões; “verbal (aspecto sintático e semântico), oral (aspecto sonoro) e visual (aspecto gráfico); a palavra libertou-se da distribuição linear da linguagem verbal e aproximou-se do imediatismo da comunicação visual;” (IDEM, *ibidem*, p.423).

Essa poesia visual ganha destaque com o surgimento das vanguardas nos anos de 1950 e 1960. Conforme o crítico Domício Proença Filho (2006), o movimento da poesia concreta teve suas composições centradas na palavra exercendo influência nas artes gráficas e nas produções publicitárias, abrindo perspectivas para o surgimento de

novas formas de criação e abrindo caminho para uma reflexão em torno do fazer poético.

Como afirmou Lafetá na sua obra *A dimensão da noite*, surge uma poesia sofisticada, em que aproveita-se o espaço gráfico como elemento de estruturação do poema, a redução da frase, quer dizer sem linha frasal uma desintegração da palavra que transforma o fazer poético num jogo elaborado, bem como uma nova educação ao leitor. Assim, não é de se negar que a poética de Hühne revela a influência da poesia concreta, como por exemplo a colocação intencional dos versos em diferentes parágrafos, bem como o carácter repetitivo, o qual é típico da poesia concreta.

É PROIBIDO
PISAR
NO VERDEOLIVA

NO VERDEOLIVA
PISAR
É PROIBIDO

PISAR NO
VERDEOLIVA
É PROIBIDO
(1988, p. 65)

Através das estrofes citadas, percebemos o jogo de palavras que também sugerem um segundo sentido, usadas metaforicamente para atacar as pessoas que eram responsáveis pelo autoritarismo. O eu-lírico/narrador, ao trazer a cor “verdeoliva” e ao dizer que “é proibido pisar no verdeoliva”, faz uma associação ao serviço militar, ao autoritarismo daquela época em que não havia direitos humanos, mas sim restrições às liberdades e à participação política.

Considerações Finais

Em sua obra, *Fim de Um Juízo*, Leda Miranda Hühne produziu poemas longos que retratam a ditadura militar e que buscam despertar no leitor uma consciência crítica acerca de estruturas autoritárias de poder. São poemas que podem ser caracterizados por possuir uma dimensão mais social e expressivo conteúdo político. É um poema

longo, que podemos considerá-lo como épico-lírico, devido a apresentar aspectos épicos e elementos da lírica.

Referências bibliográficas

AGAMBEN, Giorgio. **O que é contemporâneo? e outros ensaios**. Tradutor Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó, SC: Argos, 2009.

FRAZÃO, Dilva. Biografia de Zuzu Angel. **Ebiografia**. Disponível em <https://www.ebiografia.com/zuzu_angel/>. Acesso em: 27 nov. 2019.

HANSEN, João Adolfo. **Alegoria, construção e interpretação da Metáfora**. São Paulo: Hedra; Campinas: Editora da UNICAMP, 2006.

HÜHNE, Leda Miranda. **Fim de um juízo**. Rio de Janeiro: Casa do Escritor; Brasília: CNDA, 1986.

KOTHE, Flávio R. **A alegoria**. São Paulo, Ática, 1986.

LAFETÁ, João Luís. A poesia em 1970. In: **A dimensão da noite**. São Paulo: Duas Cidades, 2004.

PROENÇA FILHO, Domício. Poesia brasileira contemporânea: multiplicidade e dispersão. In: **Concerto a quatro vozes**. Rio de Janeiro: Record, 2006.

RAMALHO, Christina. Entrevista com Leda. In: **Vozes épicas: história e mito segundo as mulheres**. 2004. 825f. Tese (Doutorado em Letras, Ciência da Literatura) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.

RAMALHO, Christina. **Poemas épicos: estratégias de leitura**. Rio de Janeiro: UAPÊ, 2013.